



**PUBLICAÇÕES E PESQUISAS, SOB A ÓTICA ACADÊMICO-CIENTÍFICA, CONCENTRADAS NA
ESFERA DA CIÊNCIA POLÍTICA, DA GEOPOLÍTICA E DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**BEATRIZ MARIA SOARES PONTES
(ORGANIZADORA)**

**RAQUEL NICOLAU DA SILVA
(ASSESSORIA TÉCNICA E ACADÊMICO-CIENTÍFICA)**

NATAL – RN

2022

A GEOPOLÍTICA DA INVASÃO ALIADA NA NORMANDIA NO SEGUNDO CONFLITO MUNDIAL

Beatriz Maria Soares Pontes¹

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo efetuar, inicialmente, um estudo sobre as características físicas do território, em relação à Guerra. Em seguida, abrange reconhecimentos, análises e pesquisas sobre a região da Normandia para, após tais investigações, caracterizar as operações militares desenvolvidas, no decurso de 06 de junho de 1944. Finalmente, assinala as embarcações e as tropas que atuaram no território normando, no dia estabelecido para a Invasão Aliada, no Norte da França.

Palavras-chave: Invasão; Operações Militares; Dia D.

Abstract

The present work aims to carry out initially a study of the physical characteristics of the territory in relation to the War. It then includes reconnaissance, analysis and research on the Normandy region in order to characterize the military operations carried out during June 6, 1944. Finally, it points out the ships and troops that acted in the Normandy territory, on the day established for the Allied Invasion, in Northern France.

Keywords: Invasion; Military Operations; Day D.

LA GEOPOLÍTICA DE LA INVASIÓN ALIADA A NORMANDÍA EN LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo realizar, inicialmente, un estudio sobre las características físicas del territorio con relación a la Guerra. A continuación, abarca reconocimientos, análisis e investigaciones sobre la región de Normandía para, entonces, caracterizar las operaciones militares desarrolladas a lo largo del 06 de junio de 1944. Finalmente, señala las embarcaciones y las tropas que actuaron en el territorio normando en el día establecido para la Invasión Aliada en el norte de Francia.

Palabras clave: Invasión; Operaciones Militares; Día D.

¹ Livre-Docte pela UNESP (2008) e Profa. Titular aposentada da UFRN.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito global que durou de 1939 a 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo – incluindo todas as grandes potências – organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo. Foi a guerra mais abrangente da história, com mais de cem milhões de militares mobilizados. Em estado de “guerra total”, os principais envolvidos dedicaram toda sua capacidade econômica, industrial e científica a serviço dos esforços de guerra, deixando de lado à distinção entre recursos civis e militares. Marcado por um número significativo de ataques contra civis, incluindo o Holocausto e a única vez em que armas nucleares foram utilizadas em combate, foi o conflito mais letal da história da humanidade, resultando entre 50 a mais a 70 milhões de mortos.

Geralmente, considera-se o ponto inicial da guerra como sendo a Invasão da Polônia pela Alemanha Nazista, em 01 de setembro de 1939 e, subsequentes declarações de guerra contra a Alemanha pela França e pela maioria dos países do Império Britânico e da Comunidade Britânica de Nações. Alguns países já estavam em guerra nesta época, como Etiópia e Reino de Itália, na Segunda Guerra Ítalo-Etíope e China e Japão, na Segunda Guerra Sino-Japonesa. Muitos dos que não se envolveram, inicialmente, acabaram aderindo ao conflito em resposta a eventos como a invasão da União Soviética pelos alemães e os ataques japoneses contra as forças dos Estados Unidos no Pacífico em Pearl Harbor e em colônias ultramarinas britânicas, que resultou em declarações de guerra contra o Japão pelos Estados Unidos, Países Baixos e a Comunidade Britânica de Nações.

A guerra terminou com a vitória dos Aliados, em 1945, alterando significativamente o alinhamento político e a estrutura social mundial. Enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) era estabelecida para estimular a cooperação global e evitar futuros conflitos, a União Soviética e os Estados Unidos emergiram como superpotências rivais, preparando o terreno para uma Guerra Fria que se estenderia pelos próximos quarenta e seis anos (1945-1991). Neste ínterim, a aceitação do princípio autodeterminação acelerou movimentos de descolonização na Ásia e na África, enquanto a Europa Ocidental dava início a um movimento de recuperação econômica e integração política.

As Diferentes Características Físicas do Território sob o Prisma da Guerra

Um elemento geográfico considerado em suas relações com as operações de guerra, pode ter um valor absoluto e outro relativo. O primeiro, resulta de qualidades intrínsecas do elemento geográfico considerado em si mesmo e o segundo, da sua situação no campo de batalha, das suas relações com outras partes do território.

O Valor Absoluto. – É um território montanhoso? Uma planície? Um bosque? Um território pantanoso? Em cada caso, quais são as suas qualidades intrínsecas?

Desta diferenciação de caráter íntimo decorre o valor absoluto de um território, que pode ser definido como sendo o que resulta de sua aparência e de sua estrutura.

A. - As formas do território acham-se na dependência de sua gênese e dos agentes externos ou internos que operaram as modificações posteriores, geralmente, responsáveis pela aparência atual.

Quando as formas do território resultam de sua gênese e de deslocamentos provocados por forças interiores, dizemos que são de origem tectônica; quando provêm da ação de agentes externos, tais como a água, o vento, dizemos de origem plástica.

B. - Dentre vários critérios de classificação das formas do território, sobressai pela sua simplicidade, o que se baseia nas suas acentuadas diferenças de nível, observadas entre pontos relativamente próximos uns dos outros.

De acordo com este critério, as formas fundamentais são duas: as planícies e as montanhas. As formas intermediárias devem ser referidas ora a um, ora a outro desses dois tipos, conforme os seus caracteres especiais.

C. - O terreno plano é o que apresenta pequenas diferenças de nível entre seus diversos pontos. É claro que tais territórios podem achar-se ao nível do mar, acima ou abaixo de tal superfície de referência.

Quando um território relativamente plano se acha muito acima do nível do mar, chama-se planalto; quando, porém, se acha em nível inferior, chama-se depressão, que pode ser absoluta ou relativa.

A parte deprimida da América do Sul, que se encontra entre os Andes e os Maciços de Leste, é uma depressão relativa, por se achar acima do nível do mar, enquanto que o vale do Jordão, na Ásia, é uma depressão absoluta, por se achar a trezentos e noventa e quatro metros abaixo do nível do Mediterrâneo.

D. – Um planalto nem sempre termina, rigorosamente, por uma planície; a sua parte superior apresenta, muitas vezes, acentuadas diferenças de nível, notando-se, entretanto, uma certa concordância entre os vários patamares. Por sua vez, a designação de planície, não é reservada, exclusivamente, aos terrenos planos que se acham ao nível do mar, pois é uso dar-se tal nome a quaisquer regiões em que as diferenças de nível sejam pouco acentuadas.

E. – Não é possível confundir um território montanhoso com uma montanha propriamente dita. As montanhas são massas consideráveis de rochas, organizadas a uma grande altura, em relação às dimensões de sua base; o território montanhoso é o que apresenta fortes diferenças de nível entre pontos relativamente próximos, sem que, no entanto, se verifiquem altitudes extraordinárias. Estas duas formas do território apresentam as mesmas características, embora menos acentuadas nos territórios montanhosos do que nas montanhas.

O Valor Relativo. – Seja qual for o valor absoluto de um acidente geográfico, só a consideração de um caso concreto poderá revelar a sua maior ou menor importância. Pelos seus caracteres próprios, a influência de um elemento geográfico sobre determinadas operações de guerra pode vir a ser encarada, vagamente, mas, desde que se considerem as suas relações com outros elementos da mesma espécie, decorrentes da sua localização no território da luta, que se leve em conta a direção em que se desenvolvem as operações, os efetivos em presença, os recursos materiais, a sua influência, podendo tornar-se decisiva em certos e determinados casos.

Já vemos que os estudos referentes a esta parte exigem uma hipótese de guerra, mediante a qual possamos verificar como um elemento geográfico há de influir nas decisões do comando e na realização dos atos fundamentais da fase operativa.

Assim, o valor relativo de um acidente geográfico pode ser definido como sendo o que decorre do papel que ele possa desempenhar em determinadas fases da luta.

O exame do valor relativo de um território versa, invariavelmente, sobre um conjunto de acidentes topográficos, no intuito de determinar *à priori* as mútuas relações operativas que aí hão de existir. Há um ponto dominante correspondente nos territórios circundantes e outros pontos dominados. Reciprocamente, aos pontos dominados correspondem ponto ou pontos dominantes. Aí, também, às ações

correspondem reações, umas e outras variáveis, segundo os meios utilizados no decorrer da luta.

Na avaliação dos elementos geográficos-militares, começamos pela apreciação do valor absoluto dos acidentes do território e concluímos com o exame do seu valor relativo. São operações que, embora na prática, se iniciam simultaneamente e se diferenciam no decorrer do estudo.

No território operativo, as considerações sobre o valor absoluto fazem-se sentir de certo modo nos domínios estratégicos, mas, vão descendo de importância à medida que se aproximam do cenário tático, onde as questões que se prendem ao valor relativo dos acidentes do território dominam francamente.

Territórios Planos

Propriedades Fundamentais das Planícies. – As planícies olhadas nas suas qualidades intrínsecas, qualidades que dizem respeito ao seu valor absoluto, constituem o teatro por excelência da guerra de movimento. Isso não quer dizer que as regiões planas excluam a guerra de posição ou de trincheira, mas, que esta modalidade operativa provém antes de uma deliberação dos comandos, do que de uma imposição do território. O que há de verdade é que, nas planícies os partidos em luta não têm facilidades de apoio para os seus flancos exteriores, ao passo que os caminhos laterais que conduzem às alas ou à retaguarda de qualquer deles, acham-se sempre, mais ou menos abertos.

No entanto, ao encararmos as facilidades maiores ou menores de movimento, precisamos compreender que os cursos d'água, os lagos, os pantanais, podem suprimir as facilidades naturais de deslocamentos ou deixa-las na dependência imediata da existência e conservação das obras de arte.

Emprego das Armas. – Nos terrenos planos as estradas procuram as chapadas ou as lombadas, evitando, pelas razões já conhecidas, as partes deprimidas. Em territórios desta espécie, mais ou menos secos, qualquer arma pode deslocar-se em todas ou em quase todas as direções; não se tratando de um tráfego muito intenso, a própria artilharia pesada poderá abandonar a estrada, mediante a observação de certas cautelas.

A aviação encontra, facilmente, campos de pouso e a observação, em regra, não representa grandes dificuldades.

Diferenciação das Planícies entre Si. – Os territórios planos, examinados em suas minúcias, podem apresentar condições que os diferenciem entre si; assim, as planícies do Orenoco, do Amazonas e dos Pampas terão, sob o ponto de vista militar, propriedades privativas que não de ressaltar, principalmente, nos domínios táticos.

Vales das Montanhas e das Planícies. – Em se tratando dos vales, convém acentuar que nem todos eles se assemelham e que, além disso, não chegam a representar um acidente exclusivo das regiões montanhosas. Se é verdade que a sua máxima importância militar se afirma quando constituem desfiladeiros, não é menos certo que, os vales das planícies podem desempenhar em certas circunstâncias, as mais importantes funções. O aspecto dos vales depende de sua gênese.

Vales de Planície e Rede de Estradas. – Os vales de planícies não constituem pontos de convergência obrigatória das redes de estradas; ao contrário, são as encostas, quase sempre amplas e, principalmente, as lombadas dos divisores d'água que atraem as vias férreas e as estradas de rodagem, graças às facilidades de conservação econômica, resultante do fato de se tornarem mínimas as exigências de obras de arte.

Vales de Planícies: Condições Especiais. – Os grandes vales das planícies, como o do Jacuí, o do Amazonas, são em regra, amplos e têm o fundo percorrido por um curso d'água. Aí, a questão do relevo pode passar a segundo plano, cedendo em importância à linha d'água.

Possibilidades de um Partido que Espera na Planície contra um Inimigo que Desemboca da Montanha. – O partido que se acha na planície tem possibilidades operativas que variam conforme o caso. A manobra na linha interior acha-se quase sempre indicada quando o partido que atravessa a região montanhosa desemboca por vários pontos.

Exigindo, porém, a manobra pela linha interior, a certeza de que a fração visada será batida antes que as demais possam intervir, já vemos que as maiores possibilidades do partido da planície correspondem ao caso em que o adversário não tenha se apressado com a devida antecedência dos pontos de irrupção.

No caso do partido que deve desembocar na planície achar-se de posse das saídas e, ainda, poder coordenar os movimentos das suas diversas colunas, o adversário que venha a lançar-se contra qualquer delas, corre o perigo de chocar-se com a maior parte das forças opostas e de ser automaticamente envolvido.

Os Rios

Função Geográfico-Militar de um Rio. – A função Geográfico-Militar de um rio depende, antes de tudo, da sua localização no teatro da guerra, ao passo que o seu valor decorre do seu desenvolvimento-extensão, largura, profundidade e volume das águas, da forma de suas margens e do aspecto das regiões circundantes.

O desenvolvimento da corrente vai diminuindo de importância à medida que se aproxima das cabeceiras, o que quer dizer que as propriedades militares de um curso d'água diferem muito de suas partes altas para as mais baixas.

Localização do Rio no Teatro da Luta. – No que diz respeito à localização do rio no teatro da luta, é necessário referi-la à direção geral das operações, em relação à qual um curso d'água só é considerado de dois modos: paralelo ou perpendicular.

Seja qual for a inclinação de um afluente, em relação ao rio principal, a observação do sentido em que se desenvolvem as operações permitirá sempre referi-lo a uma das duas direções fundamentais.

Rios Paralelos à Direção Geral das Operações. – O primeiro caso a encarar é o de um rio que se desenvolve paralelamente à direção geral das operações. Podemos considera-lo situado numa das margens laterais do teatro da luta, ou no seu centro.

Na primeira hipótese, o rio pode funcionar como apoio para uma das alas e, se navegável, como linha de comunicações. Ambos os partidos podem servir-se dele, porém, o que se acha na parte baixa do curso d'água tem maiores vantagens, no que diz respeito à proteção de seu flanco e maiores facilidades no que se refere à navegação; o partido que domina a parte superior do rio acha-se, porém, mais vantajosamente colocado para combinações ofensivas, uma vez que à medida que um curso d'água se aproxima de suas cabeceiras, apresenta maior número de vaus, ou sejam, passagens naturais de uma para outra margem.

A segunda hipótese, corresponde ao caso em que as operações se desenvolvem sobre ambas as margens do rio, o que quer dizer que aí o curso d'água funciona como elemento disjuntor e, desde que seja navegável, como segura linha de comunicações. O domínio da linha d'água por um dos partidos proporciona-lhe imensas vantagens.

Rios Transversais à Direção Geral das Operações. – Quando um rio corre transversalmente à direção geral das operações, as suas funções militares são de linha de defesa e de base de partida.

Se um rio assinala a fronteira de dois países, ou se se acha pouco atrás dos marcos de uma fronteira artificial, constitui quase sempre uma posição atrás da qual se pode pensar em deter a marcha de um invasor; no entanto, dadas as dificuldades de concentração de um exército moderno, a função elementar de uma linha d'água fronteira, orientada transversalmente à marcha de um partido que, pelas suas facilidades de aprestamento, pode iniciar em primeiro lugar, as suas operações, é a de linha de cobertura, pelas possibilidades que oferece às operações destinadas a ganhar tempo.

Quando no decorrer de uma campanha, os dois contendores se alinham, ao longo de um trecho de rio, que se estende em linha reta, só há lugar para ataques frontais.

Reentrâncias e Saliências. – Se o curso d'água forma um cotovelo, o partido que ocupa o lado convexo pode em regra, graças ao alcance do armamento moderno, flanquear os dois lados do ângulo e, desde que consiga transpor o rio, num ponto afastado do vértice, cair sobre a retaguarda do adversário, colocado na parte côncava do obstáculo.

Importância dos Centros de Dispersão de Águas. – Os centros dispersores de águas, isto é, as regiões em que nascem rios que correm em direções mais ou menos opostas, têm particular importância para o partido que os ocupa. Quando se trata de territórios montanhosos, aí se acham as cabeceiras dos vales, cuja importância ressalta à simples consideração de que todas as estradas são orientadas ou pelas encostas, ou pelos fundos dos vales secos; quando se trata de planícies ou de planaltos, o centro dispersor de águas dá passagem para as lombadas que constituem os divisores de águas dos diversos rios, por onde correm as estradas, tanto de ferro, como de rodagem.

O Mar

O Mar. – A importância do mar ressalta da sua significação em qualquer estudo geográfico. Constituindo uma enorme superfície desabitada e, um caminho

franco em todas as direções, ao seu conjunto sempre se ligaram ideias de mistério e sentimentos de ameaça.

O mar constitui sempre uma fronteira natural, discutível apenas quanto à extensão das chamadas águas territoriais. As funções geográfico-militares do mar são fixadas, como no caso dos rios, de acordo com a orientação geral da orla marítima, relativamente, ao sentido em que se desenvolvem as operações.

Condições Relativas à Orla Marítima. – A defensiva atrás da orla marítima corresponde, em geral, ao caso da perda do domínio do mar, pois, o ataque marítimo, em grande estilo exige, da parte de quem o executa, um seguro funcionamento da linha de comunicações. Quando a luta se desenvolve ao longo de uma orla marítima, têm-se as linhas de operações paralelas à linha de praia; neste caso, o mar funciona como apoio de ala para ambos os contendores. As maiores vantagens pertencem a quem possui o domínio do mar, porque poderá levar a efeito, sérios empreendimentos, contra o flanco e retaguarda do adversário e, ainda, utilizar os caminhos marítimos, como linhas de comunicações.

Linha de Praia Normal à Direção Geral das Operações. – No caso de uma linha de costa estender-se normalmente à direção geral em que se desenvolvem as operações, o que, aliás, o mar funciona apenas como linha de comunicações para o atacante, que marcha da costa marítima para o interior do país atacado (CIDADE, 1940).

Reconhecimentos, Pesquisas e Análises Realizadas sobre a Normandia e Mares Adjacentes, Áreas da Invasão Aliada, no II Conflito Mundial

Em 1944, no transcorrer da II Grande Guerra, os aliados começaram a pensar a respeito da invasão da Europa, com o propósito de combater os inimigos do Eixo, sobretudo, os alemães, que lá já se encontravam em grande escala. Foi, então, organizada uma equipe composta de oficiais britânicos e americanos, coordenada pelo Major General Ray Marker, do Exército dos EUA, o qual chamou o aludido grupo de COSSAC (Chefe do Estado-Maior do Comando Supremo Aliado).

O COSSAC agiu sob uma restrição rigorosa, isto é, o número de embarcações de desembarque destinado à operação limitava os planejadores a três divisões de assalto. Acoplada à suposição de que os alemães, com certeza, iriam melhorar a Muralha Atlântica, aquela limitação afastou toda a tentação de desenvolver planos de

ataques dispersos. Desde o início, o COSSAC definiu para os aliados o princípio de concentração de forças. Haveria um local de invasão, desembarcando as divisões lado a lado.

Havia muitas exigências. O lugar tinha de ser ao alcance dos aviões de caça aliados, com base no Reino Unido. Teria de haver nas proximidades, pelo menos, um porto principal que pudesse ser tomado do lado terrestre e posto em funcionamento, o mais cedo possível. Não se pensava em desembarcar onde a Muralha Atlântica era contínua, isto é, em torno dos portos franceses; a desastrosa operação contra Dieppe, feito pelos canadenses, em agosto de 1942, convenceu o COSSAC de que um assalto frontal direto contra um porto bem defendido podia não chegar a bom resultado. Portanto, as praias escolhidas tinham de ser apropriadas para prolongadas operações de descarga, diretamente, dos LST's e, dispor de saídas para veículos e rede de estradas adequadas atrás deles, a fim de que se pudesse dar procedimento a rápido e maciço avanço para o interior.

Essas eram as exigências táticas. A maioria delas poderia ser, facilmente, satisfeita na costa mediterrânea francesa ou na Bretanha. Mas, a exigências estratégicas eram desembarcar tão perto do objetivo final, a região Reno-Ruhr, quanto possível, pela razão óbvia de que, quanto mais distante do objetivo o desembarque se efetuasse, maior seria a distância a ser coberta e, mais extensa a linha de suprimento.

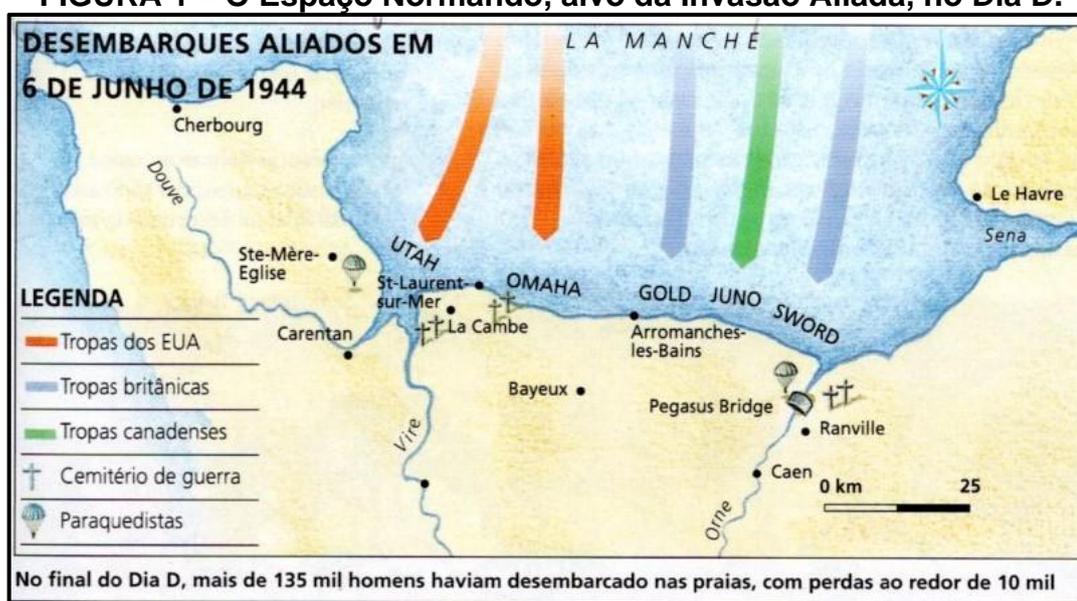
A Holanda e a Bélgica tinham portos excelentes, mas, eram perto demais da Alemanha e das bases da Luftwaffe, a área interior, inundada com excessiva facilidade, muito bem defendida. A costa do Passo de Calais, no extremo setentrional da França, era ideal sob todos os pontos de vista, menos um, isto é, tratava-se do lugar óbvio para desembarcar e, assim era ali que os alemães haviam construído a parte mais forte da Muralha Atlântica.

Le Havre, no extremo Norte da Normandia, na margem Norte da embocadura do Sena, era um excelente ponto, mas, tinha numerosas desvantagens. Para tomá-lo, os aliados deviam desembarcar em ambos os lados do rio. As duas forças poderiam não ter condições de apoiar-se, mutuamente, o que permitiria que os alemães as derrotassem separadamente. No Leste de Le Havre, a linha costeira é dominada por rochedos com apenas algumas praias pequenas que tinham, inclusive, menos saídas.

Com Brest como seu porto principal e, com portos menores, mas, bons ao longo da sua costa Norte, a Bretanha oferecia vantagens, mas, ofuscadas pela distância do Reino Unido e do objetivo.

Cherbourg era mais perto de ambos, o que tornaria tentadora a Península do Cotentin. Mas, a costa ocidental do Cotentin estava sujeita a tempestades que vinham do Atlântico e, era guardada pelas ilhas do Canal Guernsey e Jersey, em poder dos alemães. A costa ocidental do Cotentin era constituída de terreno baixo, facilmente inundável. Além disso, a estreita base de Cotentin tornaria relativamente fácil para os alemães o bloqueio da cabeça-de-praia.

FIGURA 1 – O Espaço Normando, alvo da Invasão Aliada, no Dia D.



Fonte: Guia Visual da França – Publifolha (2013), p. 251.

Um processo de eliminação reduziu a escolha à costa de Calvados da Normandia. O porto de Caen, embora pequeno, podia ser capturado num ataque rápido, provavelmente, no assalto inicial. Havia um campo de pouso nas proximidades de Caen, chamado Carpiquet, que podia ser capturado no primeiro dia por assalto aeroterrestre. A captura de Caen cortaria os acessos ferroviários e rodoviários de Paris a Cherbourg, isolando assim, simultaneamente, a Península do Cotentin e pondo os invasores numa posição de ameaçar Paris.

Havia outras vantagens. A embocadura do rio Orne era a divisa entre dois exércitos da Wehrmacht, o 15º a Nordeste e o 7º a Sudoeste e, limites entre exércitos

são naturalmente áreas frágeis. O ataque viria contra o Sétimo Exército, que tinha apenas uma Divisão Panzer (a 21ª) para cinco do Décimo Quinto Exército. Calvados estava a mais ou menos 150 km dos grandes portos meridionais britânicos de South Thampton e Portsmouth. A Península do Cotentin o protegia dos piores efeitos das tempestades do Atlântico. Da embocadura do rio Orne para o Oeste havia 30 km de praias planas e arenosas, na maioria, com apenas um interior de elevação gradual e, havia uma boa rede de estradas no interior. De Arromanches para o Oeste, na extensão de outros 10 km, as ribanceiras eram quase verticais, mas, começando em Colleville, elas recuavam da linha costeira por uma extensão de 10 km. Embora, a ribanceira atrás tivesse de 40 a 50 metros de altura, não era vertical e a praia era plana, arenosa e, mais ou menos, com 200 metros de largura na maré baixa, 10 metros na maré alta. Havia três bacias com estradas que levavam àquela praia e conduziam as saídas apropriadas.

Os britânicos já haviam recolhido uma enorme quantidade de informações sigilosas sobre a costa francesa. Logo após Dunquerque, a BBC tinha divulgado um apelo para que se enviassem cartões-postais recolhidos ao longo dos anos de famílias que haviam passado férias na França, em períodos anteriores à Guerra; 30 mil chegaram na primeira mala postal e, finalmente, 10 milhões de fotografias foram recolhidas.

Por todo o ano de 1942 e 1943 foram recolhidas vistas aéreas de reconhecimento, reunidas em fotos panorâmicas. A Resistência Francesa forneceu informações sobre obstáculos costeiros, pontos fortes, unidades inimigas e documentos semelhantes. Informações sobre marés, correntes e topografia, podiam ser retiradas de velhos guias de viagem. Assim, muita coisa se veio a saber sobre a costa de Calvados, mas, não há resposta a uma pergunta-chave. As praias a Oeste da embocadura do rio Orne suportariam DUKW (caminhões anfíbios), carros de combate e caminhões? Havia motivos para recear que não, porque os geógrafos e geólogos britânicos informaram que houvera uma erosão considerável da linha costeira nos últimos dois séculos.

O porto original em Calvados, velho porto romano, está 2 km fora da linha costeira do século XX. O pessoal da Resistência Francesa conseguiu contrabandear 4 volumes de mapas geológicos para fora de Paris, um em latim, feito pelos romanos, que haviam feito um levantamento em todo o seu império, no propósito de elaborar um relatório sobre fontes de combustível. O levantamento indicava que os romanos

tinham recolhido turfas de imensas reservas na costa de Calvados. Se houvesse campos pantanosos de turfas, sob uma fina camada de areia na costa atual, o terreno não suportaria blindados e caminhões.

O COSSAC tinha de saber e a única maneira era obter amostras. O Grupo de Operações Combinada nº 1, de Reconhecimento Costeiro e Pilotagem, formado pelo Major Logan Scott-Bowden e Sargento Bruce Ogden-Smith, partiu na véspera do Ano-Novo de 1943, num submarino de bolso para colher amostras. Eles imaginavam que os alemães estariam celebrando aquela noite. O capitão-tenente Nigel Willmott, das operações combinadas, estava no comando, com um mestre de submarino e um engenheiro. O Major Scott-Bowden e o sargento Ogden-Smith nadaram para a praia, conduzindo pistolas, facas, bússolas de pulso, lâmpadas elétricas portáteis à prova d'água e uma dúzia de tubos de 12 polegadas.

Eles entraram com a maré subindo na aldeia costeira Luc-sur-Mer, na praia que recebeu, posteriormente, o codinome de Sword (Espada). Eles podiam ouvir canções entoadas pela guarnição alemã. Os dois homens nadaram, cautelosamente, para a praia, caminharam um pouco para o interior, deitaram-se no chão quando o raio de luz do farol varria a extensão da praia, caminharam um pouco mais. Tiveram o cuidado de permanecer abaixo da marca preamar, de modo que seus rastros fossem apagados pela maré, antes que amanhecesse. Enterraram seus tubos na areia, colhendo amostras e anotando a localização de cada uma, em pranchetas à prova d'água que usavam nos braços.

A encrenca começou para valer, lembrou Scott-Bowden, quando eles encheram os tubos. A arrebentação era muito forte e nós estávamos, simplesmente, atolados e em frangalhos com todo o nosso equipamento; tentamos sair para o mar e fomos lançados para trás. Eles descansaram um pouco, tentaram, novamente, foram lançados para trás, uma segunda vez. Assim, fomos o mais longe que pudemos, havia ondas menores vindo sobre nós e, observamos o ritmo dessa arrebentação até podermos calcular-lhe o tempo. Na terceira tentativa, avaliando o tempo corretamente, nós saímos, mas, nos separamos um pouco e, nadamos para nos certificar-nos de que não íamos ser lançados de volta, novamente. Não chegamos a perder contato.

As amostras revelaram que a areia podia suportar o peso necessário. Os Grupos de Operação Combinada de Pilotagem (COPP) fizeram uma série de reconhecimentos, ao longo de toda a costa de Calvados, naquele inverno, em praias chamadas Juno e Gold. Às vezes, eles assentavam o submarino de bolso no fundo

do mar, a uma profundidade periscópica para obter marcações e fotografias. Scott-Bowden explicou: podíamos ver coisas que não apareciam em fotografias aéreas, como se estivéssemos olhando, a partir da visão de um verme. Foi uma operação muito delicada, porque se alguém se move, inadvertidamente, dentro de um submarino de bolso e, está assentado a uma altura de periscópio, numa praia cheia de ondas, pode perturbar o equilíbrio da embarcação, jogar a popa para baixo, por a proa para cima ou provocar qualquer outro desastre, de modo que se tinha de ter muito cuidado mesmo. Certa ocasião, o submarino passou bem por baixo de uma traineira de pesca francesa com um observador de tiro alemão na proa. Scott-Bowden pode observar operários na praia, usando carroças de duas rodas puxadas por cavalos. Ele e Ogden nadaram outras vezes, inclusive, numa praia entre Colleville e Vierville, (naquele tempo no fim de janeiro, codinominada Omaha) e fizeram novas missões de reconhecimento.

No fim de janeiro, Scott-Bowden foi chamado ao quartel do COSSAC, em Norfolk House, na Praça St. James, para dar informações ao Almirante Ramsay, ao General Bradley, General Smith e a quatro outros Generais e mais cinco Almirantes. O contra-almirante George Creasy, chefe do Estado-Maior de Ramsay, abriu as cortinas e disse: agora, descreva o seu reconhecimento. Scott-Bowden olhou para o mapa. Era grande demais. Geral demais. Bem, senhor, receio que vai ser bem difícil dar muitos detalhes com base neste mapa.

Creasy retrucou, temos mais um mapa na outra extremidade, pode ser melhor. Assim, o Major seguiu-o através da ampla sala, olhou para o mapa ali estabelecido e concordou que serviria. O General, então, convocou os oficiais superiores a se aproximarem do local, onde se encontrava o mapa que serviria de norte às explicações de Scott-Bowden. Os oficiais presentes dirigiram muitas perguntas ao expositor. Esse questionamento perdurou pelo espaço de uma hora. A Marinha não estava tão interessada no que o relator tinha a dizer, mas, o General Bradley estava. Ele queria que Scott-Bowden assegurasse que os carros de combate Sherman podiam seguir esta ou aquela trilha. O expositor considerou ser isto possível. Quando as perguntas terminaram, Scott-Bowden apresentou uma opinião: senhor, se o senhor não se importar com o que eu vou falar, disse ele a Bradley, acho que, com todos estes tremendos embasamentos, com canhões varrendo as praias daqui e dali e, por toda a parte, vai ser, na verdade, um empreendimento muito árduo. Bradley disse-lhe: sim, eu sei.

O Encaminhamento Das Operações Militares Realizadas Pelos Aliados, Visando A Invasão Aliada da Europa, Pelo Norte da França

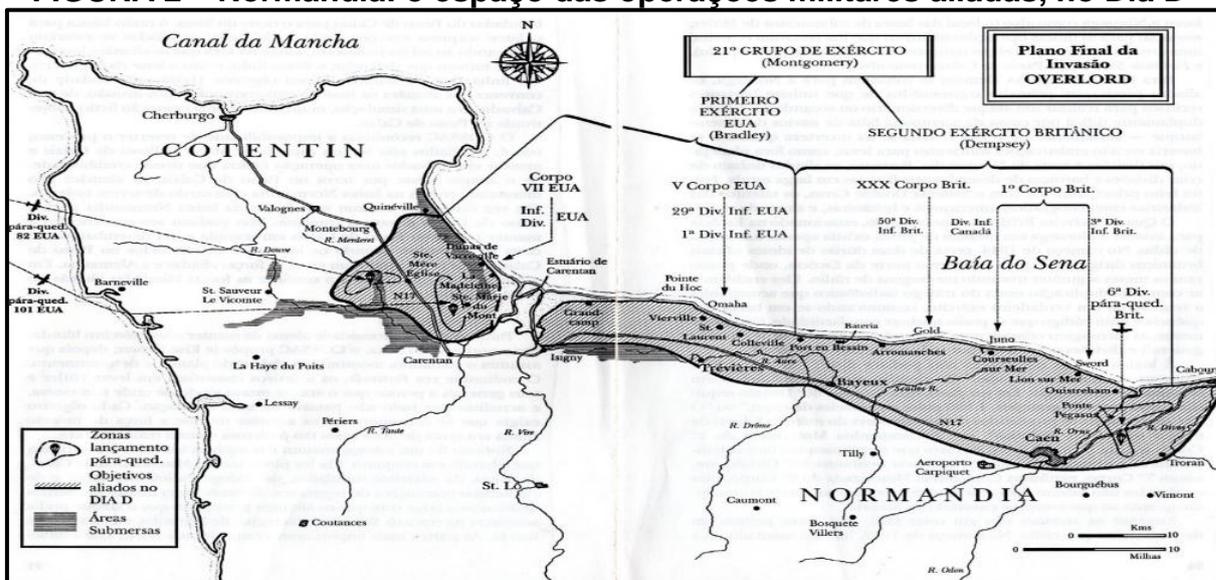
Quando Eisenhower e sua equipe chegaram a Londres para assumir o Comando do COSSAC, eles estudaram o Plano de Morgan e, aceitaram a sua lógica, exceto que, todos os implicados – Montgomery, Eisenhower, Smith, Bradley e os outros – insistiram para que a frente da invasão tivesse de ser ampliada a um assalto com cinco divisões. Eles exigiram e, obtiveram, uma dotação de embarcações de desembarque adicionais. A extensão para o Leste, no sentido de Le Havre não era aconselhável porque poria as tropas sob o fogo dos canhões costeiros ali existentes, entre os mais formidáveis da Muralha Atlântica. Morgan refutara a extensão para o Oeste, no ângulo sudoeste da Península do Cotentin, pelo fato de que ali, os alemães estavam inundando o interior.

Eisenhower contrariou Morgan, decidindo por uma extensão para o Oeste. Ele lidaria com o problema de áreas inundadas, atrás da linha costeira, lançando no interior as Divisões Aeroterrestres Americanas e, dando-lhes a tarefa de tomar as estradas altas que cruzavam as áreas inundadas, de modo que as tropas de assalto transportadas pelo mar pudessem mover-se por elas para o interior.

A 4ª Divisão de Infantaria dos EUA tomaria a dianteira para chegar ao Cotentin, onde a praia recebeu o codinome de Utah. A 29ª e 1ª Divisões de Infantaria dos EUA, desembarcariam na costa de Calvados, codinominada Omaha.

Os britânicos e os canadenses chegariam às praias que se estendem no sentido Oeste da embocadura do Orne, codinominadas (do Leste para o Oeste) Sword (a 3ª Divisão Britânica, mais os Comandos Britânico e Francês), Juno (3ª Divisão Canadense) e Gold (50ª Britânica). A 6ª Aeroterrestre Britânica saltaria entre os rios Orne e Dives para proteger o flanco esquerdo.

FIGURA 2 – Normandia: o espaço das operações militares aliadas, no Dia D



Fonte: AMBROSE (1997), p. 92-93.

O COSSAC fora tentado a usar apenas um Exército, Britânico ou Americano, no assalto inicial – o que tornaria as coisas muito mais simples e eliminaria o que é sempre o ponto mais fraco em qualquer linha aliada, o limite entre as forças de duas nacionalidades. Mas, era politicamente impossível. Bem que declarou o General Barker, em 1943: pode ser aceito com absoluta certeza que o Primeiro-Ministro Britânico não permitiria, por um momento sequer, que o assalto fosse feito em sua totalidade pelas tropas americanas. O mesmo é verdadeiro, com relação ao Governo dos EUA. Devemos ser práticos sobre esta questão e encarar os fatos.

Assim, ficou estabelecido. A invasão seria a costa de Calvados, com os ingleses à esquerda e os americanos em Omaha, com uma extensão à direita para a costa do Cotentin, em Utah.

A grande desvantagem da costa de Calvados era que o desembarque poria os Exércitos Aliados em terra a sudoeste do rio Sena, colocando, assim, entre eles e o seu objetivo, as consideráveis barreiras fluviais do Sena e do Somme. Mas, os inconvenientes poderiam ser transformados em vantagens; neste caso, o COSSAC acreditava que as pontes sobre o Sena podiam ser destruídas em bombardeios de pré-invasão, tornando, assim, difícil para a Wehrmacht transportar Divisões Panzer do Passo de Calais, através do rio para o cenário da batalha.

As maiores vantagens de Calvados eram que o fator surpresa podia ser conseguido ali e, que os alemães podiam ser levados a crer, que o desembarque seria

uma simulação destinada a afastar suas forças blindadas do Passo de Calais para o Oeste do Sena. A razão básica para o fator surpresa era que, indo a Calvados, os aliados se estariam deslocando ao sul da Inglaterra, longe da área que os alemães forçosamente, tinham que defender, o Reno-Ruhr e, não a Leste da Inglaterra, em linha reta, no sentido do seu objetivo. Havia possibilidade de convencer os alemães na base de uma continuada pós-invasão, de que Calvados era uma simulação, montando-se uma operação fictícia, objetivada no Passo de Calais.

O COSSAC reconhecia a impossibilidade de reverter o processo, isto é, os Aliados não seriam capazes de atacar o Passo de Calais e, montar em Calvados, uma operação fictícia que tivesse credibilidade. Se o ataque viesse por terra, no Passo de Calais, os alemães não manteriam tropas na Baixa Normandia, com medo de serem isolados. Em vez disso, eles trariam suas forças da Baixa Normandia para o Passo de Calais e para o combate. Mas, podiam ser convencidos a manter tropas no Passo de Calais, em seguida a um desembarque na costa de Calvados, quando os homens e os blindados no Passo de Calais, ainda permaneceriam entre as Forças Aliadas e a Alemanha. Em suma, a geografia ajudaria a confinar as forças blindadas alemãs no Passo de Calais.

O Plano de Despistamento elaborado pelos Aliados, sob a chefia do General Eisenhower, visando driblar as Forças Alemãs, no que tange à área de Invasão, eleita pelos referidos Aliados Ocidentais

Para reforçar a necessidade alemã de manter seus exércitos blindados a nordeste do Sena, o COSSAC propôs (e Eisenhower depois que assumiu o comando) montou um elaborado plano de despistamento. O codinome era **Fortitude**; os objetivos consistiam em levar Hitler e seus generais a pensar que o ataque estava vindo de onde não estava e, acreditar que tudo não passava de uma simulação. Cada objetivo exigia que se convencessem os alemães de que a força de invasão aliada era cerca de duas vezes tão poderosa quanto realmente era.

Fortitude foi um esforço comum das equipes britânica e americana, trabalhando em conjunto. Ela fez pleno uso do Sistema Double Cross, do Ultra, de Exércitos Simulados, de Tráfego Radiofônico falso e de elaboradas precauções de segurança. **Fortitude** tinha muitos elementos destinados a fazer com que os alemães pensassem que o ataque podia acontecer na costa de Biscoia ou na região de

Marselha, ou mesmo nos Balcãs. As partes mais importantes eram **Fortitude Norte**, que estabeleceu a Noruega como alvo (o local das bases de submarinos de Hitler; essencial para as únicas operações ofensivas que lhe restavam e, assim, uma área para com a qual ele se mostrava extremamente preocupado) e, **Fortitude Sul**, com o Passo de Calais como alvo.

Para fazer com que os alemães se voltassem para a Noruega, os Aliados precisavam primeiro convence-los de que tinham bastante recursos para realizar um ataque diversionário ou secundário. Isso era duplamente difícil por causa da acentuada falta de navios de desembarque – certamente, até o Dia D, vivia-se na incerteza quanto a se haveria ou não embarcações suficientes para levar; como fora planejado, seis Divisões à costa da Normandia. Portanto, os aliados tinham de criar Divisões e barcaças de desembarque fictícios, em larga escala. Isso foi feito, principalmente, com o Sistema Double Cross, os talentos das indústrias cinematográficas americanas e britânicas e, sinais de rádio.

O 4º Exército Britânico, por exemplo, estacionado na Escócia, para invadir a Noruega, em meados de julho, existia apenas nas ondas de rádio. No começo de 1944, cerca de duas dúzias de idosos oficiais britânicos dirigiram-se para o extremo Norte da Escócia, onde passaram os meses seguintes trocando mensagens de rádio. Eles enchiam o ar com uma duplicação exata do tráfego radiofônico que acompanhava a reunião de um verdadeiro Exército, comunicando-se em baixa frequência e, num código que se podia quebrar com facilidade. Conjuntamente, as mensagens criaram uma impressão da existência de quartéis gerais e divisões espalhadas por toda a extensão da Escócia.

É lógico que as mensagens não podiam dizer: invadiremos a Noruega em meados de maio. Os alemães nunca acreditariam em semelhante subterfúgio. Em vez disso, eles diziam: 80ª Divisão requisita 1.800 pares de grampos, 1.800 pares de correias de esqui ou o 7º Corpo solicita os prometidos demonstradores do método Bilgeri, de escalar superfícies rochosas ou a Companhia Motorizada do 2º Corpo solicita manuais sobre motores que funcionam em baixas temperaturas e grandes altitudes. Não havia nenhuma 80ª Divisão, nenhum 7º Corpo, nenhuma Companhia Motorizada do 2º Corpo, mas, os alemães não sabiam disso e, teriam de chegar à sua própria conclusão, quanto ao que estava se passando na Escócia.

Graças ao Sistema Double Cross, todavia, os aliados tinham uma vantagem sobre o Kreml. Os espiões alemães convertidos no Reino Unido, cuja confiabilidade

havia sido provada para a Abwehr (Serviço Secreto) durante os últimos três anos, foram postos a trabalhar. Eles enviaram mensagens de rádio codificadas para a Abwehr, em Hamburgo, descrevendo o intenso tráfego ferroviário na Escócia, uniformes com divisas de novas divisões, vistas nas ruas de Edimburgo e, rumores entre as tropas, sobre um deslocamento para a Noruega. Além disso, bombardeiros bimotores de madeira começavam a aparecer nos aeródromos escoceses. Os comandos britânicos fizeram algumas incursões sobre a costa da Noruega, localizando locais de radar, reconhecendo amostras do solo, tentando parecer uma força de pré-invasão.

A recompensa foi espetacular. No fim da primavera, Hitler tinha treze Divisões do Exército na Noruega (juntamente com 90 mil efetivos da Marinha e 60 mil da Luftwaffe). Aquelas não eram, exatamente, tropas de alta qualidade, mas, ainda, podiam encher as trincheiras, ao longo da Muralha Atlântica. No final de maio, Rommel convenceu Hitler a deslocar cinco Divisões de Infantaria da Noruega para a França. Elas tinham começado a embarcar e a se deslocar quando a Abwehr passou para Hitler outro conjunto de mensagens interceptadas sobre a ameaça à Noruega. Ele cancelou a ordem de movimento. Parafraseando Churchill, nunca na história da guerra tantos foram imobilizados, por tão poucos.

Fortitude Sul foi um plano mais amplo e mais elaborado. Buscava-se no Primeiro Grupo de Exército dos EUA (FUSAG) estacionado em Dover e cercanias, ameaçando o Passo de Calais. Estava provido de tráfego radiofônico, embarcações de desembarque simuladas e precariamente camufladas nos portos de Ramsgate, Dover e Hastings, campos cheios de papel machê e carros de combate de borracha e a utilização total do Sistema Double Cross. Os espões falavam da existência de grande atividade em torno de Dover, incluindo construções, movimentos de tropas, intenso tráfego ferroviário e coisas semelhantes. Eles mencionavam a falsa doca de petróleo de Dover, construída por carpinteiros das indústrias cinematográficas, como se estivesse ativa e funcionando.

O verdadeiro ponto alto da **Fortitude** foi a escolha feita por Eisenhower do General-de-Divisão George S. Patton para comandar o FUSAG. Os alemães consideravam Patton, o melhor comandante no campo aliado e esperavam que ele liderasse o assalto. Eisenhower, que estava guardando o general para a fase do aproveitamento do êxito da campanha vindoura, usou a reputação e a presença física de Patton, com o objetivo de fortalecer **Fortitude Sul**. Os espões informaram a sua

chegada à Inglaterra e os seus movimentos. O mesmo fizera os jornais britânicos (que chegavam aos alemães dentro de um dia ou dois, via Portugal e Espanha; além disso, os agentes alemães em Dublin tinham os jornais londrinos, no dia em que eram impressos e podiam enviar matérias quentes pelo rádio). Os sinais de rádio do FUSAG falavam aos alemães das idas e vindas de Patton e, mostraram que ele, assumira com pulso firme o seu novo comando.

O FUSAG continha tantas divisões, portos e exércitos reais quanto imaginários. A ordem de combate do FUSAG compreendia o Terceiro Exército Americano, que existia, mas ainda em grande parte nos EUA; o Quarto Exército Britânico, puramente imaginário e, o Primeiro Exército Canadense, real e com base na Inglaterra. Havia, ainda, ao que se supunha, cinquenta divisões de acompanhamento nos EUA, organizadas como 14º Exército Americano, que era imaginário – esperando embarque que seria no Passo de Calais, depois que o FUSAG estabelecesse sua cabeça-de-praia. Muitas das divisões do 14º Exército eram verdadeiras e, estavam incorporadas ao Primeiro Exército de Bradley, no sudoeste da Inglaterra.

O sucesso de **Fortitude** era medido pela estimativa alemã da Força Aliada. Pelo fim de maio, os alemães acreditavam que a Força Aliada incorporava 89 Divisões, quando de fato, o número era de 47. Os alemães pensavam que os Aliados tinham suficientes navios de desembarque para por em terra 20 Divisões na primeira leva, quando eles poderiam considerar-se felizes se conseguissem 6. Em parte, porque atribuíam aos aliados tamanho poderio, em parte porque constituía bom senso militar; os alemães acreditavam que a invasão seria precedida ou seguida por ataques diversionários e fintas.

Era mais importante para os alemães não saberem que Calvados era o local, do que pensarem ser no Passo de Calais (e a Noruega).

O sucesso ou o fracasso das operações vindouras dependeria da possibilidade ou não de o inimigo obter informações de natureza extra, declarou Eisenhower, num memorando de 27 de fevereiro de 1944.

Para garantir a segurança, os Aliados tomaram todas as providências. Em fevereiro, Eisenhower pediu a Churchill que proibisse toda a circulação de visitantes às áreas costeiras do sul da Inglaterra, onde a base para o ataque era organizada e, onde estavam sendo feitos exercícios de treinamento, com receio de que pudesse haver um possível espião entre os visitantes. Churchill disse não – ele não podia ir tão

longe, a ponto de transformar as vidas das pessoas. O General Morgan resmungou que a resposta de Churchill era pura política e advertiu: se falharmos, não haverá mais política.

Ainda assim, o Governo Britânico permaneceu sem agir. Mas, quando Montgomery disse que queria os visitantes fora de suas áreas de treinamento, Eisenhower enviou um eloquente apelo ao Gabinete da Guerra. Ele advertiu que seria terrível para nossas consciências se tivéssemos de admitir, em anos vindouros, que por desprezar qualquer precaução de segurança, tivéssemos comprometido o êxito de operações vitais ou desperdiçado desnecessariamente vidas humanas. Churchill cedeu. Os visitantes tiveram o acesso interditado.

Eisenhower convenceu, também, um relutante Gabinete da Guerra a impor uma interdição a comunicações diplomáticas privilegiadas do Reino Unido. Eisenhower disse que considerava as malas diplomáticas como o mais grave risco à segurança de nossas operações e às vidas de nossos marinheiros, soldados e aviadores. Quando o governo impôs a proibição, no dia 17 de abril (ela não se aplicava aos EUA e à União Soviética). Os governos estrangeiros protestaram vigorosamente. Isso deu a Hitler uma pista útil quanto ao tempo de execução da Overlord. Ele observou no início de maio que os ingleses tomaram medidas que poderiam ser sustentadas por, apenas, seis a oito semanas.

Com o governo britânico cooperando de forma tão admirável, Eisenhower não podia fazer menos. Em abril, o General-de-Brigada Henry Miller, chefe da Intendência da Quinta Força Aérea dos EUA e, um colega de Eisenhower, em West Point, mostrou-se indiscreto em relação à estratégia Aliada e, por tal razão, retornou aos EUA, por ordem de Eisenhower.

Houve outro problema em maio, quando um oficial da Marinha dos EUA, foi também indiscreto e, revelou detalhes pendentes, incluindo áreas, movimento de tropas, efetivos e datas. O oficial, também, foi enviado de volta para os EUA.

Para verificar como estavam funcionando **Fortitude** e a segurança, o SHAEF contava com interceptações do Ultra. Cada semana o Comitê de Informações Conjuntas Britânico publicava o resumo da Avaliação Alemã das Intenções Aliadas no Oeste, panoramas gerais de uma ou duas páginas, de onde, quando e em que proporções os alemães esperavam o ataque.

Semana após semana, os resumos deram ao SHAEF, exatamente, as notícias que ele esperava receber: que os alemães estavam antecipando um ataque

na Noruega, ataques diversionários no sul da França, na Normandia, na Baía de Biscaia e, o assalto principal, com 20 ou mais Divisões, contra o Passo de Calais.

Os alemães lançaram mais concreto para fazer novas fortificações no Passo de Calais, do que em qualquer outro lugar. Eles ali estacionaram mais tropas, apoiadas pelas Divisões blindadas. Concentraram suas minas no Canal, fora da costa do Passo de Calais. Exageraram, grosseiramente, os recursos de que dispunha o SHAEF. Estavam em suma, muito enganados.

Mas não completamente. A mobilidade de que desfrutava a AEF (Força Expedicionária Aliada) graças à superioridade aérea e marítima, forçou os alemães a considerar qualquer praia adequada como um possível local de desembarque. Numa conferência de 19 de março, em Berchtesgaden, Hitler colocou o problema para seus comandantes mais antigos: é óbvio que teremos uma invasão anglo-americana no Oeste. Exatamente como e onde, ninguém sabe e, não é possível especular. Mas, ele não deixou de especular, visto que a capacidade alemã de penetrar **Fortitude** era inexistente e sua capacidade de penetrar as medidas de segurança da AEF era limitada.

Alguns aviões de reconhecimento chegaram a ter êxito; eles, de fato, localizaram a construção de navios nos portos meridionais de Southampton e Portsmouth; mas, como Hitler assinalou, tais informações eram quase inúteis. Não podemos tomar, irrefletidamente, concentrações de navios como alguma espécie de indício de que a sua escolha recaia em qualquer setor particular da nossa longa frente ocidental da Noruega, até a Baía de Biscaia, disse ele, porque tais concentrações podem ser mudadas ou transferidas a qualquer momento, sob a cobertura de má visibilidade e, serão, obviamente, usadas para nos ludibriar.

Isso não o impediu de conjecturar: na verdade, ele tinha de fazê-lo. As áreas de desembarque mais adequadas e, por conseguinte, as que estão em maior perigo, são as duas penínsulas da costa ocidental de Cherbourg e Brest: elas oferecem muitas possibilidades tentadoras. Foi uma má conjuntura.

O Almirante Theodor Krancke, comandando o Grupo da Armada do Oeste, supôs que a invasão viria entre Bolonha e Cherbourg, ou no Cotentin, na embocadura do Orne, do Sena ou do Somme, que era um pouco melhor – mas, como de Bolonha a Cherbourg compreendia a maior parte da Kanalküste (Costa do Canal), dificilmente, haveria precisão.

A suposição de Rommel era pelo Passo de Calais. Ele passou mais tempo lá, do que em qualquer outro lugar da sua longa frente, inspecionando, estimulando e construindo defesas. No início de maio, começou a se voltar ligeiramente para o sudoeste, dizendo ao Tenente-General Gerhard von Schwerin, que comandava a 116ª Divisão Blindada de Elite do Décimo Quinto Exército: esperamos a invasão em qualquer dos dois lados do estuário do Somme.

Mas, todos os indícios de que dispunham os alemães continuavam a indicar o Passo de Calais. O padrão da atividade aérea da AEF, por exemplo, reforçava **Fortitude**. Havia duas vezes mais voos de reconhecimento da AEF sobre o setor do 15º Exército, do que sobre o do 17º Exército; havia quase 10 vezes mais incursões aéreas sobre alvos a nordeste do Sena, do que na Baixa Normandia. Por isso, Rommel continuou a contar com o Passo de Calais. Ele estava confiante em que, se AEF invadisse aquele local, ele poderia esmagar o assalto.

No dia 27 de abril, as lanchas torpedeiros alemães chamados E-boats pelos Aliados, com o sentido de banco inimigo, penetraram em uma concentração Aliada de embarcações para um exercício prático – codinome Tigre – e, afundaram dois LST. Para a AEF, a perda de mais de 700 homens foi um duro golpe; para os alemães, a informação de que os aliados estavam praticamente em Slapton Sands, na costa sul da Inglaterra, foi potencialmente útil. Hitler viu isso de imediato. Embora nunca tivesse ido à Inglaterra ou ao Cotentin ou a Calvados, ele tinha grande habilidade para armazenar informações topográficas na mente.

Naquele ensejo, notou a semelhança entre Slapton Sands e a praia de Cotentin (razão pela qual a AEF estava executando exercícios práticos em Slapton Sands) e começou a insistir, energicamente, na necessidade de reforçar a defesa na Baixa Normandia.

Dentro dos rígidos limites em que se exigia que a Wehrmacht atuasse no Oeste, isso foi feito. No dia 29 de maio, o resumo informativo semanal da AEF trazia uma gélida frase: a tendência do atual movimento das forças terrestres alemãs, no sentido de Cherbourg considerada como um provável e, talvez até, o principal ponto de assalto. Tinham os alemães penetrado o segredo da Overlord? Só o resultado o diria; entretanto, a boa notícia era que as principais forças blindadas permaneciam a nordeste do Sena, como o 15º Exército.

Quando? A diretiva de Morgan considerava o mais cedo possível. Março havia terminado. Mesmo se a AEF fosse agraciada com uns dias propícios para cruzar e

desembarcar, a probabilidade de uma tempestade de primavera, desabando sobre a costa de Calvados, durante a fase de preparação e concentração, tornou março arriscado demais. No dia 1º de abril, a data prevista pelo Estado-Maior das Forças Armadas dos EUA (JCSS) não era boa por causa do tempo incerto e imprevisível no Canal e, porque o degelo da primavera na Rússia, tornaria impossível ao Exército Vermelho lançar uma ofensiva coordenada. Morgan, portanto, escolheu o 1º de maio. Quando Eisenhower assumiu o comando, transferiu a data prevista para 1º de junho, a fim de fazer uso de uma produção mensal extra de LST, LCVP e outras embarcações de desembarque.

A data prevista significava que a AEF iria no primeiro dia conveniente, depois de 1º de junho. Uma série de exigências entrou na escolha do Dia D, sendo a principal, a que se relacionava com as marés e com as condições da lua. Os almirantes queriam cruzar o canal à luz do dia, para evitar confusão, para controlar os milhares de embarcações envolvidas na operação e para maximizar a eficácia do apoio de fogo. Os Generais da Força Aérea queriam à luz do dia, antes que as primeiras levas descessem à praia, a fim de maximizar a eficácia de suas incursões de bombardeio. As duas partes cederam à insistência dos Generais-de-Exército em cruzar à noite, a fim de preservar a surpresa até o último minuto, fazendo o desembarque logo ao amanhecer, o que lhes daria um dia inteiro para estabelecer-se.

Rommel antecipava que o ataque viria com a maré alta, o que daria às primeiras levas às praias livres de menor comprimento para atravessar, mas, isso, apenas, mostrava o pouco que ele sabia sobre operações anfíbias. De início, a AEF estava determinada a desembarcar na maré enchente para que as embarcações pudessem invadir, diretamente, a praia e, em seguida, flutuar livres na elevação.

A AEF precisava de pelo menos uma lua em quarto-crescente na noite do cruzamento, bastante para fornecer iluminação à frota e às tropas de paraquedistas que estariam saltando na França, umas cinco horas antes da Hora H.

Uma maré enchente à primeira claridade, em seguida a uma noite com luz conveniente, ocorreu durante dois períodos em junho, nos dias 05, 06 e 07 e, novamente, nos dias 19 e 20. Eisenhower escolheu o 05 de junho para o Dia D.

A costa sudoeste do Cotentin e a costa de Calvados, da Baixa Normandia, seriam o lugar: o dia 05 de junho, a data. A Hora H, cairia na madrugada.

Rommel não tinha a menor ideia de que a AEF sofria uma falta de embarcações de desembarque. Ele pensava exatamente o oposto. Além do mais, os

espiões do Double Cross estavam lhe fornecendo informações falsas. Sua suposição quanto à data, portanto, estava fora da realidade. Em abril, ele pensou que seria na primeira ou terceira semana de maio. Em 01 de junho, consultou as tábuas da lua e das marés e declarou que não eram boas as marés para invasão (maré cheia ao alvorecer, na sua opinião) até 20 de junho. Hitler não estava em melhor situação. Ele alimentava a esperança de que nunca haveria invasão. No dia 06 de abril, declarou: não posso deixar de sentir que tudo isso não passa de uma farsa. Mas, de um modo mais realista, ele chegou a se queixar - não temos nenhum meio certo de descobrir o que eles realmente vão fazer.

Não podemos nos permitir fracassar, dissera Eisenhower: a AEF agiu apoiada nessa base. Não havia nenhum planejamento de contingência. Numa ofensiva terrestre geral, montada em área específica sobre uma frente ampla, os atacantes da Segunda Guerra Mundial tinham certa flexibilidade em seus planos. Se o assalto inicial não forçasse um rompimento de linhas, as unidades de apoio podiam ser desviadas para os flancos ou recuar para tentar outro dia, em outro lugar. A Overlord, todavia, era tudo ou nada. Hitler e Rommel estavam, absolutamente, certos ao admitir que se a Wehrmacht pudesse negar um ponto de apoio à AEF, os Aliados não teriam condições de montar outra ofensiva em 1944.

As proporções do jogo na Overlord concentravam as mentes dos homens da AEF, mas também, aumentavam a carga de trabalho e elevavam a tensão a níveis quase insuportáveis.

As Operações Militares dos Aliados e Alemães Realizadas no Decurso do Dia D

A Operação Overlord foi o nome atribuído para o estabelecimento de bases no Continente. A primeira fase, a invasão anfíbia e o estabelecimento de uma base de partida segura, tinha o nome de código Operação Netuno. Para obter a superioridade aérea necessária para garantir o sucesso da invasão, os Aliados realizaram uma campanha de bombardeamentos (nome de código Operação Pointblank) direcionados às indústrias de produção de aeronaves, abastecimento de combustível e aeródromos.

Os desembarques seriam precedidos por operações aerotransportadas perto de Caen, no flanco oriental, para controlar as pontes do rio Orne e a Zona Norte de Carentan, no flanco Oeste. Os norte-americanos que desembarcariam nas praias de

Utah e Omaha, teriam o objetivo de capturar Carentan e St. Lô, no primeiro dia e, em seguida, bloquear a Península de Cotentin e, eventualmente, capturar as instalações portuárias em Cherbourg.

Os britânicos das praias de Sword e Gold e, os canadenses da praia Juno, iriam proteger o flanco norte-americano e tentar estabelecer aeroportos perto de Caen. Numa segunda fase, seria realizada uma tentativa para conquistar todo o território ao Norte da linha Avranches-Falaise, nas três semanas seguintes. Montgomery previa uma batalha com cerca de noventa dias de duração, até todas as Forças Aliadas terem alcançado o rio Sena.

Quanto à Ordem de Batalha, a Alemanha nazista tinha à sua disposição, cinquenta Divisões na França e nos Países Baixos, com mais dezoito estacionadas na Dinamarca e na Noruega. Quinze Divisões estavam em processo de formação na Alemanha. As perdas em combate durante a guerra, especialmente, na Frente Oriental, mostraram que os alemães já não tinham uma reserva de homens jovens. Os soldados alemães eram, agora, em média, seis anos mais velhos do que suas contrapartes Aliadas. Muitos na área da Normandia eram das Ostlegionen (Legiões do Leste) – conscritos e voluntários da Rússia, da Mongólia e outras áreas da ex-União Soviética. Foram guarnecidos, principalmente, com equipamentos capturados de baixa qualidade e não tinham transporte motorizado. Muitas unidades alemãs estavam fragilizadas.

Por outro lado, as Forças Aliadas que desembarcaram na praia Utah, enfrentaram as seguintes unidades alemãs, estacionadas na península de Cotentin: 709.^a Divisão de Infantaria Estática, com 12.320 homens, muitos deles recrutados, a partir de prisioneiros de guerra soviéticos, georgianos e polacos; 729.^o Regimento de Granadeiros; 739.^o Regimento de Granadeiros e 919.^o Regimento de Granadeiros.

Os americanos que desembarcaram na praia Omaha, enfrentaram as seguintes tropas alemãs: 352.^a Divisão de Infantaria, num total de 12.000 homens, trazidos por Rommel, em 15 de Março e reforçada por dois outros Regimentos; 914.^o Regimento de Granadeiros; 915.^o Regimento de Granadeiros (como reserva); 916.^o Regimento de Granadeiros; 726.^o Regimento de Infantaria (da 716.^a Divisão de Infantaria) e 352.^o Regimento de Artilharia.

As Forças Aliadas que desembarcaram na praia Gold e Juno, enfrentaram os seguintes elementos da 352.^a Divisão de Infantaria Alemã: 914.^o Regimento de

Granadeiros; 915.^o Regimento de Granadeiros; 916.^o Regimento de Granadeiros e 352.^o Regimento de Artilharia.

As Forças Aliadas que atacaram as praias "Gold", "Juno" e "Sword", enfrentaram as seguintes unidades alemãs: 716.^a Divisão de Infantaria Estática, com 7.000 homens. A Divisão estava subdimensionada; 736.^o Regimento de Infantaria; 1716.^o Regimento de Artilharia; 21.^a Divisão Panzer (sul de Caen), que incluía 146 tanques e 50 armas de assalto, além de apoiar a Infantaria e a Artilharia; 100.^o Regimento Panzer; 125.^o Regimento Panzergrenadier; 192.^o Regimento Panzergrenadier e 55.^o Panzer Regimento de Artilharia.

Zona Norte Americana - no que concerne à ordem de Batalha dos Aliados, o contingente do Exército ascendia a cerca de 73.000 homens, incluindo 15.600 das Divisões Aerotransportadas.

Na praia Utah estavam: VII Corpo de Exército; 4.^a Divisão de Infantaria; 82.^a Divisão Aerotransportada; 90.^a Divisão de Infantaria e 101.^a Divisão Aerotransportada.

Na praia Omaha estavam: V Corpo de Exército; 1.^a Divisão de Infantaria e 29.^a Divisão de Infantaria.

No que tange à Zona britânico-canadense, identificamos as seguintes forças: Comandos Royal Marine, associados com a 3.^a Divisão de Infantaria, caminhando para o interior da Praia Sword, em 6 de junho de 1944.

No geral, o contingente do Segundo Exército consistia de 83.115 homens, 61.715 deles, britânicos. As unidades navais e aéreas de apoio britânicas incluíam um grande número de pessoal das Nações Aliadas, envolvendo vários esquadrões da RAF, dirigidos por tripulação das colônias. Por exemplo, a contribuição australiana para a operação, incluiu um esquadrão regular da Royal Australian Air Force (RAAF), nove Esquadrões Article XV e, centenas de funcionários ligados às unidades da RAF e navios de guerra RN. A RAF forneceu dois terços das aeronaves envolvidas na invasão.

Na praia Gold, estavam: XXX Corpo de Exército e a 50.^a Divisão de Infantaria (Northumbrian). Na praia Juno, estavam: o I Corpo de Exército Britânico e a 3.^a Divisão Canadense.

Na praia Sword, estavam: o I Corpo de Exército Britânico; a 3.^a Divisão de Infantaria; a 6.^a Divisão Aerotransportada e 79.^a Divisão Blindada.

No que diz respeito à atividade naval para a invasão no comando geral, estava o almirante britânico *Sir* Bertram Ramsay, que tinha servido como Oficial de

Bandeira, em Dover, durante a evacuação de Dunkirk, quatro anos antes. Foi também responsável pelo planejamento naval da Invasão do Norte da África, em 1942 e, por uma das duas frotas de transporte de tropas para a Invasão da Sicília, no ano seguinte.

A frota de invasão era composta por 6.969 embarcações de oito países: 1.213 navios de guerra, 4.126 embarcações de desembarque de vários tipos, 736 embarcações auxiliares e 864 navios mercantes. A maioria da frota era de origem britânica, a qual forneceu 892 navios de guerra e 3.261 embarcações de desembarque. A frota de invasão foi separada entre Força Naval Ocidental (comandada pelo almirante Alan G. Kirk) para dar apoio aos setores norte-americanos e, a Força Naval Oriental (comandada pelo almirante *Sir Philip Vian*) nos setores britânico e canadense. A frota incluía 5 couraçados, 20 cruzadores, 65 contratorpedeiros e 2 monitores.

As embarcações alemãs, na zona no Dia D, consistiam em três barcos-torpedos, 29 lanchas de ataque rápidas, 36 barcos R e 36 caça-minas e barcos-patrolha REF 91. Os alemães, também, possuíam vários U-Boot e, todas as aproximações às praias, tinham sido densamente minadas.

No que tange às perdas navais, às 05:10, quatro embarcações-torpedo chegaram perto da Força Leste e, lançaram quinze torpedos, afundando o contratorpedeiro norueguês HNoMS *Svenner*, ao largo da praia *Sword*, além de outras embarcações. Depois do ataque, as embarcações alemãs fugiram para Leste para uma cortina de fumo, que tinha sido lançada pela RAF, para proteger a frota da artilharia de longo alcance em *Le Havre*. As perdas dos Aliados devido às minas incluíram o USS *Corry*, ao largo de *Utah* e o USS *PC-1261*, um barco-patrolha de 57 metros. Além disso, muitas embarcações de desembarque foram destruídas.

Quanto aos bombardeamentos sobre a Normandia, estes começaram por volta da meia-noite, com mais de 2.200 britânicos, canadenses e norte-americanos, bombardeando alvos, ao longo da costa e do interior. O bombardeamento ao longo da costa foi, no geral, ineficaz em *Omaha*, pois as nuvens baixas existentes dificultaram a visibilidade dos alvos. Preocupados em infligir baixas nas suas próprias tropas, muitos bombardeiros atrasaram os seus ataques e não conseguiram atingir as defesas de praia.

Os alemães tinham 570 aeronaves estacionadas na Normandia e nos Países Baixos, no Dia D e, outros 964, na Alemanha.

Por outro lado, os caça-minas começaram a limpeza dos canais para a frota de ataque poder navegar em segurança, pouco depois da meia-noite e, terminando pouco depois do amanhecer, sem encontrar oposição.

A Força Ocidental incluía os couraçados Arkansas, Nevada e Texas, além de oito cruzadores, 28 contratorpedeiros e um monitor.

A Força Oriental incluía os navios de guerra Ramillies e Warspite e o monitor *Roberts*, 12 cruzadores e 37 contratorpedeiros. O bombardeamento naval sobre as áreas por trás da praia começou às 05:45, quando ainda estava escuro, com os artilheiros a alterar os seus alvos na praia, assim que o dia começava a despontar, às 05:50. Como estava previsto, o desembarque das tropas em Utah e Omaha às 06:30 (uma hora mais cedo do que as praias britânicas), foram bombardeadas apenas durante 40 minutos, antes das tropas de assalto começarem o desembarque.

No que diz respeito às operações aerotransportadas, o sucesso dos desembarques anfíbios dependia da criação de uma base segura, a partir da qual se poderia expandir a linha de praia, de forma a permitir a constituição de uma força bem equipada capaz de avançar.

As Forças Anfíbias estavam, particularmente, vulneráveis aos fortes contra-ataques do inimigo, até antes da chegada de tropas suficientes à linha de praia. Para retardar ou eliminar a capacidade do inimigo de se organizar e lançar contra-ataques, durante este período crítico, as Operações Aerotransportadas foram utilizadas para conquistar objetivos-chave, tais como: pontes, estradas e outros pontos de terreno, particularmente, nos flancos Leste e Oeste das áreas de desembarque.

Os lançamentos de Tropas Aerotransportadas a alguma distância atrás das praias, também, tinham por objetivo facilitar a saída das Forças Anfíbias das praias e, em alguns casos, para neutralizar as defesas de costa dos alemães e, mais rapidamente, expandir a área das bases nas praias.

As 82.^a e 101.^a Divisões Aerotransportadas dos EUA, receberam missões a leste da praia Utah, onde esperavam capturar e controlar os poucos caminhos estreitos, através de terrenos que tinham sido intencionalmente inundados pelos alemães.

Relatórios dos Serviços de Informações Aliados, em meados de maio, acerca da chegada da 91.^a Divisão de Infantaria Alemã, significava que as zonas inicialmente previstas para os lançamentos aéreos tinham de ser deslocadas para Leste e Sul.

A 6.^a Divisão Aerotransportada Britânica, no flanco oriental, foi designada para capturar intactas, as pontes sobre o Canal de Caen e o rio Orne, destruir cinco pontes sobre o rio Dives, cerca de 10 km ao Leste e destruir a bateria direcionada sobre a praia Sword.

Aos paraquedistas da França Livre da Brigada Britânica das SAS foram atribuídos objetivos na Bretanha, entre 5 de junho e agosto, nas Operações Dingson, Samwest e Cooney (EISENHOWER para BROOKE, 9/4/1944; EISENHOWER para MARSHALL, 21/5/1944; EISENHOWER para o COMITÊ DO ESTADO-MAIOR, 6/3/1944; EISENHOWER para os CHEFES DAS MISSÕES MILITARES da Bélgica, Noruega e Holanda. 23/2/1944; AMBROSE, 1981; AMBROSE, 1997; BOWMAN, s/d; BROWN, 1975; CIDADE, 1940; EISENHOWER, 1978; BOWDEN, s/d; HARRISON, 1951; IRVING, 1977; POGUE, 1954; SILVA, s/d; ZIEMKE, 1979).

Considerações Finais

Os desembarques na Normandia se constituíram na maior invasão marítima da história, com a participação de quase cinco mil veículos de desembarque e de assalto, 289 embarcações de escolta e 277 draga-minas. Perto de 160.000 combatentes atravessaram o Canal da Mancha no Dia D e, no final de junho, esse número era de 875.000. As baixas Aliadas, no primeiro dia, foram, pelo menos, dez mil, com 4.414 mortos confirmados. Os alemães perderam cerca de mil homens. Os Planos da Invasão Aliada previam a captura de Carentan, St. Lô, Caen e Bayeux no primeiro dia, com todas as praias (exceto Utah). Todavia, nenhum destes objetivos foi atingido.

As cinco testas-de-ponte só foram unidas a 12 de junho, altura em que os Aliados controlavam uma frente de 97 km de comprimento e 24 km de largura. Caen, o principal objetivo, mantinha-se ainda em mãos alemãs, no final do Dia D, só sendo conquistada em 21 de julho.

Os alemães deram ordens à população civil, exceto aos que eram considerados necessários ao esforço de guerra, para abandonarem as zonas de combate na Normandia. As baixas civis, no primeiro e segundo dias da invasão são estimadas em cerca de três mil pessoas.

A vitória Aliada na Normandia deveu-se a vários fatores. Os preparativos alemães, ao longo da Muralha do Atlântico só foram parcialmente terminados, pouco

antes do Dia D. Rommel lembrou que a construção estava apenas 18% terminada em algumas zonas, devido ao deslocamento de recursos para outros lados. As distrações provocadas com a **Operação Fortitude** foram bem-sucedidas, obrigando os alemães a defenderem uma longa linha costeira.

Os Aliados alcançaram e mantiveram a supremacia aérea, significando que os alemães não conseguiram efetuar observações dos preparativos em curso, no Reino Unido, nem lançar operações de bombardeamento aéreo.

As infraestruturas de transportes na França foram fortemente destruídas pelos bombardeiros Aliados e pela Resistência Francesa, dificultando o fornecimento de provisões e reforços. Alguns dos bombardeamentos iniciais não atingiram os alvos ou não tiveram a concentração suficiente para causar impacto, mas, os blindados especializados funcionaram bem, exceto em Omaha, fornecendo fogo de apoio às tropas que desembarcaram nas praias.

A indecisão e uma cadeia de comando complicada do lado alemão foram, também, fatores para o sucesso Aliado (vide, nas referências, o site que se remete a “1944: Dia D, na Normandia”).

OBSERVAÇÃO: Os manuscritos de Eisenhower foram vistos e estudados na Biblioteca do Capitólio, em Washington D. C., em 1991.

Referências

AMBROSE, S. E. **Ike's Spies: Eisenhower and the Espionage Establishment**. New York: Doubleday, 1981. p. 90-91.

AMBROSE, S. E. **O Dia D, 6 de junho de 1944: A Batalha Culminante da Segunda Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

BOWMAN, J. **Operation Fortitude**. Arquivado no EC (documento manuscrito).

BROWN, A. C. **Bodyguard of Lies**. New York: Harper & Row, 1975. p. 465.

CIDADE, Cel. F. de Paula. **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

Eisenhower para Brooke, 9/4/44, EL (documento manuscrito).

Eisenhower para Marshall, 21/5/44, EL (documento manuscrito).

Eisenhower para o Comitê do Estado-Maior, 6/3/44, EL (documento manuscrito).

Eisenhower para os Chefes das Missões Militares da Bélgica, Noruega e Holanda. 23/2/44, EL (documento manuscrito).

EISENHOWER, D. D. **Letters to Mamie**. Ed. John S. D. Eisenhower. New York: Doubleday, 1978. p. 165, 183.

Entrevista com Scott-Bowden. Imperial War Museum. Londres. s/d.

GUIA VISUAL DA FRANÇA. Publifolha – Folha de SP. p. 251. São Paulo, 2013.

HARRISON, GORDON A. **Croos-Channel Attack**. Washington: D.C.: Dept. of the Army, 1951. p. 48, 49, 106, 259 e 336.

IRVING. **Trail of the Fox**. New York: Dutton, 1977. p. 336, 347.

POGUE, F. **The Supreme Command**. Washington, D.C.: Dept. of the Army, 1954. p. 163-164.

SILVA, D. N. "O que foi o Dia D?". Site: Brasil Escola. Disponível em:<<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-dia-d.htm>>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

ZIEMKE, E. **Operation Kreml: Deception, Strategy, and the Fortunes of War**. Parameters: Journal of the U. S. Army War College 9, 1979. p. 72-81.

Sites Consultados

1) 1944: Dia D, na Normandia. Disponível em:<<https://www.dw.com/pt-br/1944-dia-d-na-normandia/a-319002>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

2) Batalha da Normandia. Disponível em:<<https://www.infoescola.com/segunda-guerra/batalha-da-normandia/>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

3) Do Dia D ao fim da Guerra 1944-45. Disponível em:<<https://www.terra.com.br/a/noticias/educacao/historia/dia-d>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

4) Dia D. Disponível em:<https://www.suapesquisa.com/segundaguerra/dia_d.htm>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.